

AS VOZES EM TORNO DA OBRA DE RONIWALTER JATOBÁ: UM CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DE LEITURA

ANA LÚCIA BARBOSA MONTEIRO (UFTPR/UFPI)¹

ANGELA MARIA RUBEL FANINI (UFTPR)²

RESUMO: Este artigo objetivou propor reflexão acerca dos enunciados formalmente ditos sobre Jatobá e o conjunto da obra deste autor, no sentido de apresentar o contexto de leitura no qual a obra se insere. Esse autor vem se destacando no espaço da prosa literária contemporânea brasileira, por produzir literatura que retrata e refrata o Brasil vivido pela classe operária, nos meados do século XX até os dias atuais. Jatobá tem realizado importantes inserções na ficção contemporânea, com temática pouco explorada na literatura brasileira canônica: condições de vida do trabalhador brasileiro. Para Jatobá, a condição humana não deve se situar inocuamente, do ponto de vista social e político, na literatura. Vida e arte estão em constantes relações dialógicas. Teoricamente, as discussões estão amparadas em Bakhtin (2000), Bakhtin e Volochínov (2004), autores que produziram importantes estudos na contemporaneidade sobre o diálogo entre os discursos da arte e da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Roniwalter Jatobá. Vozes da fortuna crítica. Literatura brasileira contemporânea.

ABSTRACT: *The aim of this article is to propose a reflection around the already formally stated statements about Jatobá and the set of his work in order to bring the reading context in which the work is inserted. This author has been emphasizing in the space of contemporary Brazilian literary prose for producing a literature that portrays and refracts the Brazil lived by the working class in the middle of the XX century until the present day. Jatobá has made important insertions in the contemporary fiction with a subject little explored in the Brazilian canonical literature: conditions of life of the Brazilian worker. For Jatobá, the human condition should not be innocuously situated, from the social and political point of view, in literature. Life and art are in constant dialogical relationships. Theoretically, our discussions are supported by Bakhtin (2000), Bakhtin and Volochínov (2004) authors who have important studies in the contemporary world about the dialogue between the discourses of art and life.*

KEYWORDS: *Roniwalter Jatobá. Voices of critical fortune. Contemporary brazilian literature.*

INTRODUÇÃO

O lugar da Literatura Brasileira, no contexto contemporâneo, entendendo-a como posicionamento discursivo sobre o homem e a vida, tem se prestado como objeto de debate bastante intenso, não somente no campo das Letras, como também por outras áreas do conhecimento, como a da História, do Jornalismo e da Educação. O texto literário, nessas pesquisas, assume importante valor, no sentido de trazer olhar ético e estético sobre a realidade, recriando-a. Ao seguir esse contexto de estudo sociológico da literatura, optou-se,

¹ Doutoranda em Tecnologia e Sociedade pela UTFPR/UFPI. Professora efetiva do Colégio Técnico de Bom Jesus, PI/UFPI. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. E-mail: analuciamonteiro@ufpi.edu.br

² Doutora em Teoria Literária e Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora de pós-graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), programa em Tecnologia e Sociedade e do Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE), no Programa em Teoria Literária. E-mail: rubel@utfpr.edu.br

para esta análise, em que se trata da obra do escritor Roniwalter Jatobá, por embasar em fundamentação teórica interdisciplinar que alia a literatura ao contexto social e, também, procurar contextualizar o *corpus* a partir de dois pontos de referência: o primeiro se centra em certa fortuna crítica sobre a obra de Jatobá. Em torno de sua obra, não há fortuna crítica quantitativamente numerosa, mas significativa. O outro ponto está relacionado aos discursos do autorretrato, considerando que o próprio Jatobá, ao longo de sua existência, como intelectual da arte literária, tem se pronunciado sobre natureza, temática, aspectos formais, papel e alcance da própria produção ficcional. Tomam-se, também, essas manifestações, de modo especial, como importante fonte de conhecimento sobre a obra. É o olhar do “eu” sobre o “eu mesmo” situado e imbricado interno e externamente na própria obra. Interessa saber as formulações avaliativas e conceituais que os discursos do autorretrato revelam. Assim, aduzem-se para este debate esses discursos que se debruçam sobre a obra de Jatobá, no sentido de dialogar com eles e, ao mesmo tempo, conferir visibilidade à obra, demonstrando esse movimento discursivo em torno do escritor, aclarando o contexto de leitura. Essas vozes serão fonte, ponto e contraponto no debate a que se propõe neste artigo. Também, apresenta-se análise de algumas obras, selecionando excertos, a fim de problematizar as relações entre a literatura e o contexto operário. A análise é uma entre as outras, focalizando a classe operária recriada nas obras.

Jatobá vem desenvolvendo um projeto enunciativo, com fecundidade temática e discursiva relevante, oferecendo à crítica e ao leitor da obra a possibilidade de ler o Brasil do século XX, pelas lentes do discurso literário, produzido sob sua autoria. O intelectual tem focalizado mormente o trabalhador brasileiro, dando voz ao homem simples do trabalho artesanal e industrial, de classes menos favorecidas, temática não muito comum nas Letras. As questões relacionadas ao universo do trabalho avultam em sua obra, dando sentido à vida dos personagens. Bakhtin e demais autores do Círculo Russo são autores que interpretam o texto literário conforme contexto social, histórico, cultural e econômico, compondo, deste modo, o quadro de referências que auxiliou no diálogo com as vozes da fortuna crítica desse autor. Assim, reafirma-se que o eixo central das discussões expostas, nas páginas deste artigo, movimenta-se em torno das construções discursivas da fortuna crítica do escritor Roniwalter Jatobá.

O conjunto da obra de Jatobá se insere historicamente no contexto do Brasil do século XX, marcadamente nas décadas de 1960, 1970 e 1980, anos em que houve endurecimento da ditadura militar, sendo crescentes os atos de violência contra os cidadãos brasileiros. A sujeição, a arbitrariedade, a intolerância, a perseguição e o cerceamento das liberdades eram muito mais fortes contra aqueles desabastados que se aventuravam para os grandes centros em busca de emprego no setor fabril. Jatobá coloca em cena esse cenário político, bastante desfavorável para a personagem, não raro de origem humilde.

Bakhtin, no texto “O Estudo Literário Hoje”, defende que “[...] a literatura é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura em uma dada época” (BAKHTIN, 2000, p. 362). Embora Jatobá, como mencionado, detenha-se na formalização da vida material, ou seja, do trabalho e dos sentidos atribuídos a este, não se pode analisar sua obra somente do ponto de vista econômico. Para isso, amparou-se em Bakhtin que, mesmo dentro da tradição marxista que enfatiza a ontologia do trabalho, separa-se dessa visão e aposta no âmbito cultural-discursivo. O pensador russo não segue visão marxista determinista que se baseia na influência exclusiva do econômico sobre o cultural. Antes, refuta esse determinismo e fortalece um marxismo cultural, em que múltiplos fatores agem sobre o discurso literário, ou seja, o histórico, o social, o filosófico, o cultural e, também, o econômico. Sob esses aspectos, Bakhtin se posiciona: “[...] não se pode separar a Literatura do resto da

cultura e, passando por cima da cultura, relacioná-la diretamente com os fatores socioeconômicos. Esses fatores influenciam a cultura e somente através desta, e junto com ela, influenciam a Literatura” (BAKHTIN, 2000, p. 362).

Nesse sentido, Bakhtin (2000), embora dentro do marxismo, não se atrela a um marxismo dogmático-economicista que reconhece a prevalência apenas do econômico sobre o cultural. Segundo o autor, a ciência literária não apenas tem vínculos com a cultura, como também se integra como parte constitutiva desta, à medida que é influenciada diretamente pelos fatores culturais que, por sua vez, são influenciados pelos aspectos de ordem econômica e social. “É fascinante, por exemplo, entre muitas outras coisas, o modo como Bakhtin torna o social, o histórico e a cultura como elementos imanentes do objeto estético”, assinala Faraco (2011, p. 21), interpretando Bakhtin.

O contexto cultural de leitura de uma obra demonstra a importância da literatura como fonte de conhecimento sobre o homem. O texto somente adquire sentido quando transita pelo universo da leitura. Ou seja, os sentidos se dão na interação social. O ato de ler, interpretar, analisar, assim como emitir um juízo acerca do discurso literário, pode resultar nos mais diversos sentidos para a obra lida, destacando temáticas diversas. Nas palavras de Volochínov (2017):

Um livro, ou seja, um discurso verbal impresso também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em discurso direto e vivo, e, além disso, é orientado para uma percepção ativa: uma análise minuciosa e uma réplica interior, em como uma reação organizada, também impressa, sob formas diversas elaboradas em dada esfera da comunicação discursiva (resenhas, trabalhos críticos, textos etc.) (VOLOCHÍNOV, 2017, p. 219).

A obra de Jatobá apresenta certa fortuna crítica, comprovando-se que tem circulado o que a mantém viva, pois apenas o contexto de leitura tem o poder de oferecer sentido à obra. Assim, este artigo aposta no diálogo com as vozes discursivas que, em tons apreciativos e acentos avaliativos, recepcionou, leu com afinco, penetrou nas entranhas e fronteiras linguísticas dos enunciados da obra de Jatobá, dimensionando abrangência, qualidade estética e humanizante. Esse diálogo, com certeza, em movimento dialógico, abrirá a possibilidade de compreensão de uma ontologia crítica sobre a obra jatobiniana, conferindo-lhe visibilidade. Enfatiza-se que esse diálogo também se estende, inclusive, com as vozes do autorretrato, ou seja, Jatobá por ele mesmo, à medida que a voz de Jatobá está localizada em pontos privilegiados – dentro e fora do contexto de produção –, na ação de ler e analisar a própria obra, resultando em leitor especial, sendo aquele que escuta as vozes discursivas do autorretrato, experiência singular, nela imerso, no entanto distanciado. O autor é o leitor de si. Aqui, o fator exotopia garante certo distanciamento de si, à medida que o autor comenta a própria obra. Dialogicamente, Jatobá está imerso na própria obra, pois é o autor organizador e criador, contudo, fora mediante a voz crítica que concebe a totalidade da obra, imprimindo-lhe o acabamento proporcionado pela perspectiva de fora.

Ao seguir os pressupostos que articulam a literatura à cultura, à sociedade e à vida humana, debatem-se os discursos e as vozes que se posicionam sobre a obra de Jatobá. Os pensadores russos do Círculo de Bakhtin, que embasam este artigo, destacam a importância dos enunciados proferidos enquanto manifestações avaliativas. Todo ato de leitura e interpretação de uma obra é uma avaliação sobre ela: “Qualquer palavra dita ou pensada não é somente um ponto de vista, mas um ponto de vista avaliativo” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 196). É nesse sentido que se pontua sobre a importância de se tomar por base o dito acerca da obra de Jatobá, como meio e fonte de conhecimento para se debater a circulação e o alcance literário da obra desse autor no contexto contemporâneo. A enunciação sobre a obra entra em

dialogia com as outras vozes, compondo um conjunto discursivo, em que a obra vai adquirindo sentido. Nas palavras de Bakhtin (2000, p. 375), “não pode haver enunciado isolado. Um enunciado sempre pressupõe enunciados que o precederam e que lhe sucederam; ele nunca é o primeiro, nem o último; é apenas o elo de uma cadeia e não pode ser estudado fora dessa cadeia”. Motivo pelo qual, dialogar com as vozes enunciadas acerca desse objeto é um passo importante para alcançar o debate circunscrito na teia discursiva na qual ele está inserido. Ao ler a obra de Jatobá, estar-se-á imbuído de certa avaliação sobre ela, advinda de outros contextos de leitura. “As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos” (BAKHTIN, 2000, p. 314). Tem-se a convicção de que o olhar crítico do outro sobre o objeto se torna um ponto de escuta e enunciação para sempre se iniciar um diálogo, dimensionar e redimensionar um juízo de valor sobre esse objeto. A importância da escuta atenta da voz do outro, na construção de sentidos de um dado objeto, é, reiteradamente, definida por Bakhtin, nas mais diversas situações:

Tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo exterior da boca dos outros (da mãe, etc.) e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles eu recebo as palavras, as formas e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo (BAKHTIN, 2000, p. 378).

Desse modo, o principal propósito deste artigo é promover diálogo entre os enunciados formalmente ditos sobre Jatobá e o conjunto da obra deste autor, no sentido de apresentar o contexto de leitura no qual a obra se insere. Intentou-se demonstrar o que cada contexto de leitura prioriza e como avalia a obra, tentando, deste modo, identificar e mapear certa fortuna crítica sobre o autor.

O CONTEXTO DE LEITURA DA OBRA JATOBIANA: CONSTRUÇÃO DA OBRA PELOS LEITORES

Caminhar sob o tecido discursivo em que ecoam as vozes da fortuna crítica de Roniwalter Jatobá, posicionou os autores deste artigo frente a um quadro de vozes discursivas atento, evidente e muito ponderado que, conforme entonações discursivas e ângulo abordado, examinou os aspectos técnicos do ato criador: formais e composicionais da obra desse escritor, como também os econômicos, sociais, culturais e éticos. Vozes que se aproximam, confirmam, reforçam, sobrepõem-se. Acompanhar esse movimento de vozes entorno da obra de Jatobá foi fundamental para organização e formalização dos enunciados deste trabalho. Assim, sem qualquer pretensão de esgotar esta discussão, aproximar desse complexo conjunto de reflexões críticas sobre a obra jatobiniana possibilitou entender uma ontologia crítica do ser Jatobá-pessoa/Jatobá-escritor, no contexto contemporâneo da Literatura Brasileira. Neste sentido, reitera-se o objetivo em tomar a fortuna crítica desse autor como recorte teórico para mediar a compreensão no que tange à esfera de criação, aos aspectos estéticos e extra estético da obra, na medida que essa fortuna crítica é legitimamente um contexto de leitura literária contemporânea.

Pensar as vozes acerca da obra de Roniwalter Jatobá, em um contexto contemporâneo de leitura, como objeto de estudo deste trabalho, a partir da perspectiva dialógica da linguagem, trouxe à tona a voz eloquentemente da professora Enid Yatsuda Frederico, ao prefaciar o livro “No Chão da Fábrica”, de Roniwalter Jatobá, publicado em 2016: “É trabalho literário que se reencontra com trabalho material de seus sofridos personagens. E isso é Literatura, com maiúscula!” (FREDERICO, 2016, p. 13). O pensamento da professora Frederico se explica, à

medida que Jatobá, pelo conhecimento intelectual, inovador e fabulativo, percebe a linguagem como intenso processo de infinitas possibilidades discursivas, capaz de interativamente engendrar amplo diálogo entre o mundo da literatura e o do trabalho que, para Jatobá, é um território caracterizado pelas relações de luta e sociabilidade entre o indivíduo e o mundo circundante. Bakhtin, no texto “O Problema do Conteúdo”, publicado em “Questões de Literatura e de Estética: a Teoria do Romance,” traduz as palavras da professora, ao afirmar que “[...] a vida não se encontra só fora da arte, mas também nela, no seu interior, em toda a plenitude do seu peso axiológico: social, político, cognitivo ou outro que seja” (BAKHTIN, 2014, p. 33). Esse fenômeno que movimenta e refrata o real, o vivido, o experimentado para o mundo da arte, é o que caracteriza e identifica a obra de Jatobá como literatura com “maiúscula” e de peso literário. Enid Yatsuda Frederico torna evidente dois importantes aspectos na obra de Jatobá: o trato formal, semântico e estético, com a linguagem e a materialidade do trabalho em interface com a vida sofrida das personagens. Para Frederico (2016), o que assina a singularidade do projeto literário de Jatobá é a maestria com que ele se apropria desses dois aspectos no contexto da obra, transformando-os em uma unidade discursiva de alto padrão estético.

Para Fanini e Santos (2013, p. 198), que vêm desenvolvendo expressivos trabalhos sobre a obra desse escritor, aponta-se que Jatobá, “em boa parte de sua obra, tem recriado o mundo material do trabalho, apontando a importância e a centralidade do trabalho na vida e na lida das personagens”. Nota-se que a voz de Fanini e Santos (2013) focaliza a materialidade do trabalho como ponto importante em Jatobá. O recorte apresentado por Fanini e Santos (2013) eleva, na obra de Jatobá, a relação entre os aspectos estéticos e as circunstâncias sociais e históricas em que a obra se insere. Logo, para Fanini e Santos (2013, p. 198), a obra: “não é entendida enquanto uma realidade autônoma, desvinculado de suas coordenadas históricas”. Percebe-se a similaridade e o intercâmbio entre a voz de Fanini e Santos e a de Frederico.

Ao reavivar as vozes de Frederico (2016) e Fanini e Santos (2013), acrescenta-se mais um enfoque: os aspectos reminiscentes e, sobretudo, a habilidade de aglutinar, em um mesmo modelo discursivo, as formas velhas de narrar e as técnicas da narrativa moderna, o professor e crítico literário Flávio Aguiar, por sua vez, na apresentação do livro “Paragem”, afirma que: “A arte de Roniwalter está em, a partir da crise social, construir uma visão da crise ética decorrente e conseguir uma solução estética consistente, através do recurso às reminiscências das formas velhas de narrar por trás das características da narrativa moderna” (AGUIAR, 2004, p. 14).

Note-se que, nas palavras do crítico literário, o que consagra Jatobá como grande escritor é o modo de, a partir de uma realidade social sombria e crítica, encontrar possibilidades expressivas na linguagem literária que traduzam essas tensões. Esse arranjo discursivo/literário, em que o escritor/romancista mobiliza para construção composicional de sua obra, é entendido por Bakhtin como atividade dialógica em que o romancista “[...] acolhe em sua obra as diferentes falas e as diferentes linguagens da língua literária e extraliterária, sem que esta venha ser enfraquecida e contribuindo até mesmo para que ela se torne mais profunda” (BAKHTIN, 2014, p. 104). Isso significa que Jatobá, nos acertos de sua intuição intelectual, mobilizando a sensibilidade perceptiva e discursiva, mediada pelas relações sociais e pela situação de produção, utiliza-se, tecnicamente, dos recursos e efeitos linguísticos inerentes às formas composicionais do gênero narrativo para materializar literariamente o pensamento. O domínio dessas habilidades discursivas é também compreendido por Volochinov, segundo esse filósofo, isso somente é possível para o escritor que compreende a linguagem em todas as configurações discursivas dentro da realidade social, caso o escritor não se aproprie da linguagem enquanto fenômeno construído socialmente, não tem condição intelectual de “estudar corretamente o que chamamos estilística da arte verbal”

(VOLOCHÍNOV, 2013, p. 134). Na voz de Flávio Aguiar, o social, o ético e os recursos das formas narrativa – velho e novo – ganham tratamento estético diferenciado em Jatobá.

O também crítico literário Fábio Lucas, ao prefaciando a terceira edição de “Sabor de Química”, ratifica os discursos dessas vozes pronunciadas sobre o domínio e a habilidade desse escritor com a construção composicional da narrativa. Para Lucas (2016, p. 189), “o ficcionista sabe valorizar muito bem os recursos da narrativa moderna, utilizando com naturalidade e a maestria o estilo indireto livre, em que irrompem delicados movimentos interiores das personagens”. A concordância do escritor, com uso sintático do discurso indireto livre, na construção dos registros de fala na trama, segundo Volochínov (2017, p. 270), deve-se ao fato de que: “o discurso indireto livre ouve”, diferentemente, o enunciado alheio, percebendo-o ativamente e atualizando, na transmissão, outros aspectos e tons em comparação com os demais modelos. Jatobá procura conscientemente alinhar pensamentos particulares a um modelo formal que produza dinamicidade e coerência discursiva, resultando em experiência bem lograda com os constantes diálogos envolvendo os discursos da vida e da arte. De modo mais preciso, o crítico literário Fábio Lucas acentua em Jatobá a maneira equilibrada de criar uma simbiose entre forma e conteúdo. “Roniwalter Jatobá sabe enredar seu relato, monta conscientemente a substância narrativa. E qualifica-se como um dos nossos melhores retratistas de ambientes e mudanças”, entona Lucas (2016, p. 186).

Essa perspectiva descrita acerca do tratamento fino, cuidadoso e organizado com a linguagem pelo qual o projeto literário de Jatobá se identifica, posta por esta linhagem de críticos literários, como Flávio Aguiar, Fábio Lucas e a professora Enid Yatsuda Frederico, os quais ganham autoridades e reforços discursivos na voz do excepcional Noel Arantes que firmemente pontua:

Procurarei ressaltar aqui alguns aspectos desse notável trabalho. Poderia inicialmente dizer do paciente e competente apuro de linguagem que caracteriza seu texto, sobretudo realizado a partir de um diálogo muito produtivo com grandes prosadores brasileiros do século XX. Trata-se de um autor que dá prosseguimento ao que temos de melhor em nossa prosa, mas sem perder a personalidade[...] O ficcionista Roniwalter Jatobá é exemplo convincente de escritor contemporâneo que jamais pode ser confundido com novidade, posto que sua obra seja sólida e o longo caminho que ele já percorreu atesta que seu lugar é dos mais honrosos (ARANTES, 2016, p. 256).

Essa habilidade com a escrita literária, destacada pelo conjunto de crítica aqui expressado, é fruto de um processo de reflexão e aproximação, como ressaltou Noel Arantes, de Jatobá com a prosa dos grandes escritores brasileiros. Logo, o ofício de escrever para Jatobá significa, com linguagem específica, traduzir e manifestar inquietude e inconformismo com a realidade a qual está embebido. O ver de Jatobá que repousa sobre as nuances da sociedade brasileira, não é de um historiador, nem muito menos de um sociólogo, mas de um sujeito que, na condição privilegiada de escritor, munido da afabilidade, agudeza crítica e compromisso ético, reconhece, na arte literária, o lugar propício para expressar, dialogicamente, a partir da experiência sensível com a vida, a cultura, a sociedade e o mundo, a visão particular humanista de sujeito escritor, que se enuncia do lado dos sofridos personagens. Por isso, afirmar que Jatobá, utilizando-se da linguagem literária, atinge com êxito aquilo que as formas tradicionais de pensar não são capazes de alcançar. Deste modo, não há como negar que a forma de narrar em Jatobá constitui vertente muito bem qualificada.

Nesse contexto, não por acaso, outro grande escritor mineiro, com notável prestígio literário no Brasil e Europa, talvez, se colocasse em análise somente a tônica da temática em si: o mundo do operariado brasileiro, ou seja, a materialidade social, econômica e cultural, essa

seria a apreciação do legado jatobiniano de maior eminência: Luiz Ruffato, escritor que, nas últimas décadas, tem produzido importantes trabalhos sobre a temática nuclear abordada na literatura de Roniwalter Jatobá: a classe operária. Ao voltar o olhar crítico acerca do conjunto da obra jatobiniana, Ruffato é bastante enfático ao reforçar a importante imersão de Jatobá no mundo proletário. Para esse escritor, no Brasil de hoje, Jatobá é uma das poucas vozes da literatura nacional que adentra o mundo proletário, em que as angústias materiais se aglutinam com os pessoais para revelarem as identidades e subjetividades de personagens. Para Ruffato (2009), em diversos momentos da obra de Jatobá, os operários são flagrados em enfrentamentos na atividade laboral e isso é o grande diferencial da obra. “Talvez o único autor que tenha feito deste tema o motivo de sua ficção seja Roniwalter Jatobá, ele mesmo, o ex-operário” (RUFFATO, 2009, p. 265). As palavras de Ruffato podem ser realçadas nos pensamentos de Bakhtin e Volochínov, nas reflexões de discursos na vida e na arte, esses dois pensadores russos assinalam que a situação extraverbal não se constitui tão somente como causa externa do enunciado, “a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação” (BAKHTIN; VOLOCHÍNOV, 2004, p. 8). Em resumo, para ambos os pensadores, a comunicação verbal está, de maneira permanente, vinculada às diversas circunstâncias da vida social do homem, sendo impossível pensar o homem fora do conjunto de situações do mundo real.

O festejado autor de “Quatro Olhos”, o escritor e jornalista Renato Pompeu, no prefácio da segunda edição de “Sabor de Química”, obra de estreia de Jatobá como escritor, afirma que:

A partir do mundo operário da periferia de São Paulo, Jatobá chega ao nível da arte não pelo que em sua obra existe de documental, mas exatamente pelo que nela há de universal, de constatações sobre a condição humana sempre às voltas com as precárias condições da sociedade. E esse ímpeto artístico é em Jatobá tão intenso que o levou a criar uma forma própria, só sua, originada da linguagem popular, mas que com ela não se confunde (POMPEU, 2016, p. 183-184).

Pode-se entender, desse registro de Renato Pompeu, que a capacidade de Jatobá de elevar a trajetória crítica de uma vida em sociedade, atravessada por conflitos de ordem políticos e sociais, na cidade de São Paulo, ao patamar cosmopolita, é o que sistematicamente torna-o um intelectual que transita nas linhas de respeito, reconhecimento e admiração, manifestadamente pela crítica literária. Entende-se, deste modo, que a leitura de Jatobá serve, entre outras especificidades, para se pensar e analisar outras realidades urbanas que não se limitam ao proletariado brasileiro, logo, rompe as fronteiras de espaço e tempo, tornando-se universal. Renato Pompeu reforça que, embora o ponto de partida linguístico tenha sido a linguagem popular, há na obra de Jatobá trabalho substancial com a linguagem e as preocupações literárias intensas, empenhadas em atender às exigências peculiares do fazer artístico. Além disso, a obra de Jatobá carrega refinada e profunda sensibilidade artística, imprimindo marca própria. Por essa razão, afirma-se que para ele, a literatura se apresenta, potencialmente, como possibilidade de espaço discursivo, em que várias vozes se enunciam, mesclam, entrelaçam e interagem-se. Sobre isso, Bakhtin (2014) afirma que o romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente.

Nesse âmbito, quem também assinala a fortuna crítica de Jatobá é a voz discursiva do professor Frederico. No prefácio de uma das obras de maior discursividade temática e vigor literário de Jatobá, “Crônicas da Vida Operária”, afirma, com precisão nas palavras, que Jatobá coloca sua capacidade e a sublimação discursiva para captar literariamente a precariedade vivida e a superexploração das forças de trabalho daqueles recém-chegados nordestinos no

subúrbio industrial de São Paulo, cooptados pelo sistema de produção da lógica capitalista que ensejava, servilmente, a todo e qualquer custo, a industrialização do país. Celso Frederico ressalta que “Roniwalter é um mestre na arte de narrar, um operário que trabalha com apuro das palavras e, com elas, traduz as aflições daqueles migrantes nos anos de aprendizagem, de adaptação ao mundo urbano e ao trabalho fabril” (FREDERICO, 2016, p. 194). Em suma, Celso Frederico prioriza, em análise, o que se percebe nas vozes supracitadas. Portanto, a construção discursiva do Jatobá-escritor, pelas lentes de Celso Frederico, retoma e reitera, continuamente, a questão da conexão entre a literatura e o mundo para além dela, sempre concedendo primazia aos aspectos composicionais da narrativa, que nunca é reduzida puramente ao reflexo de outra coisa.

O jornalista e escritor Fernando Morais, ao prefaciando a primeira edição do livro “Crônicas da Vida Operária”, com o título de “Operários”, no Prêmio Casa das Américas, conta que tomou conhecimento da obra de Jatobá no ano de 1978, quando atuou como jurado do Prêmio Casa das Américas, em Cuba. Segundo Morais (2016), “Crônicas da Vida Operária” não foi vencedora do concurso pela rigidez interna do processo que definia critérios expressos acerca do gênero composicional a ser avaliado, no caso, o testemunho. Entretanto, Morais (2016) destaca que todo o corpo de jurado reconheceu com muito apreço literário a temática e a riqueza discursiva da obra jatobiniana. Para Morais (2016, p. 247), “a temática de Roniwalter que tanto impressionou os latinos americanos ainda nos pega de surpresa”. A afirmação do jornalista se deve ao fato de Jatobá, como mineiro, salvo raras exceções, não toma como mote “a galinha que cisca minhocas no fundo de quintal de Belo Horizonte, nem mesmo a nostalgia das porteiras e carros de bois que até em Minas já foram engolidas pelo progresso” (MORAIS, 2016, p. 247). Isso tem explicação, conforme ideias de Morais (2016), pelo fato de que Jatobá não ficou preso ao pensamento da maioria de jovens de sua geração que mantinha o olhar fixo nas angústias existenciais. Jatobá toma rumos diferentes: adentra o sertão baiano e depois vive as labutas do operariado em São Paulo, arrancando dessa experiência matéria-prima para sua literatura: “cada homem ao conhecer a realidade, conhece de um determinado ponto de vista” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 198).

O exposto acima dimensiona, de modo crítico, a qualidade e a seriedade em que Jatobá, a serviço de sua sensibilidade artística, exercita sua inteligência. O diálogo com as vozes de diferentes críticos sobre sua produção literária confirma o que vem sendo discutido acerca do conjunto de sua obra. Não cabe qualquer dúvida de que não se trata de um escritor com “maiuscula”, consoante afirmou a professora Enid Yatsuda Frederico, anteriormente. A fortuna crítica sobre o primado literário desse escritor não está concentrada especificamente em uma única obra. O conjunto da produção ficcional de Jatobá é todo contemplado pela apreciação crítica.

Conforme se reportou na parte introdutória deste artigo, o significado das vozes do autorretrato, Jatobá por ele mesmo, na construção do diálogo com as vozes pronunciadas acerca da obra desse escritor, dentre os vários veículos comunicativos que Jatobá teve a oportunidade de manifestar sua posição crítica sobre a própria obra, a entrevista concedida a Giovanni Ricciardi se constituiu em material bastante significativo para esta pesquisa. Entrevista que tem seus registros no livro “Biografia e Criação Literária”, vol. 3, “Entrevistas com Escritores Mineiros”, de 486 páginas. Esse livro resulta da continuação de um projeto desenvolvido pelo pesquisador italiano Giovanni Ricciardi, organização de Dulce Maria Mindlin, publicado no ano de 2008, pela editora UFOP, de Ouro Preto-MG, ISBN 978-85-288-0059-3. A obra reúne uma série de entrevistas com os escritores mineiros com grande projeção literária, no contexto nacional e internacional. O livro é uma espécie de discurso autobiográfico, em que há grandes nomes, entre estes o de Roniwalter Jatobá. Em uma longa e densa entrevista, Jatobá fala ao

entrevistador da formação de jornalista e escritor, das entranhas discursivas inerentes ao ato da composição literária, descreve também seu núcleo familiar, do sentido de ser escritor, bem como do papel e da missão perante as mazelas que acometem as classes menos privilegiadas no Brasil. Jatobá caracteriza social, político e culturalmente sua obra. Por último, traça, com precisão linguística, em um discurso honesto e lúcido o autorretrato, expondo com clareza as insatisfações com o mundo político, a justiça e a elite brasileira. Argumenta sobre a necessidade de viver em um país em que os mais pobres possam ter moradia digna, comida, escola e um mundo menos violento. Em síntese, nessa entrevista, Jatobá faz reconstrução do seu passado, sem perder o momento presente e o futuro. Essa entrevista, pela natureza temática, conceitual, formal e metodológica, entre as várias fontes que se empreenderam as buscas, constitui-se como rico acervo de informações de caráter pessoal e literário do autor. Quando solicitado para fazer um autorretrato, definiu-se como:

Sou um escritor solto em São Paulo, tentando refletir essa realidade que conheço, que é a do imigrante nordestino... às vezes me sinto magoado por não tentar compreender melhor o mundo que vivemos, um mundo de políticos incompetentes, num país de militares golpistas, num país de ricos que não tem coragem de dividir nem um pouco sua riqueza... num país onde 60% da população vive na miséria... É grande a luta do escritor. Eu quero participar dela de forma que torne o mundo melhor: que as pessoas tenham moradias dignas, comida, escola, sem tanta violência. Só podemos fazer isso através da luta e a luta do escritor é escrever tentando refletir a sociedade... Acho que também através do jornalismo a gente pode tentar transformar a sociedade, mas é através da literatura que a gente pode refletir com mais seriedade, mais honestidade esse mundo triste da sociedade brasileira (JATOBÁ, 2008, p. 444).

Essa passagem da entrevista é elucidativa e define com precisão o lugar no qual o escritor se posiciona para manifestar, com argúcia crítica, a posição política de inconformismo, aversão e repulsa contra um Estado omissivo e opressor, como também o modo de insurgir-se contra um sistema social classista, perverso e desigual que assalta cotidianamente a dignidade do trabalhador brasileiro. Jatobá se mostra tocado e afetado com a violência física e simbólica contra aqueles que, devido à posição na obscura zona dos processos históricos e sociais brasileiros e a força coercitiva dos mecanismos de poder pela classe dominante, não conseguindo romper com as travas das barreiras socialmente impostas. Percebe-se, assim, que o discurso jatobiniano aclara e demarca literalmente o território político e social, as referências, fronteiras e inquietações. Para esse autor, o mundo da ficção, privilegiadamente, apresenta-se como simbolização do imaginário social.

Nessas circunstâncias, o autor se apropria do texto literário e o constitui como espaço de diálogo, renovação e crítica das linguagens e sobre o mundo. Jatobá elege o mundo da literatura como meio viável para projetar as assimetrias sociais e as ideias em laboração dos sujeitos em sociedade. Assim, de maneira geral, desse fragmento de entrevista, compreende-se que Jatobá faz aguda reflexão filosófica, histórica, política e social sobre o estar no mundo, bem como o pensar literário diante das incongruências sociais e do estado de exceções institucionalizados na sociedade brasileira. “O ato estético engendra a existência num novo plano de valores do mundo; nasce um novo homem e um novo contexto de valores — um novo plano do pensamento do homem sobre o mundo”, proclama Bakhtin (2000, p. 205). Em resumo, a voz de Jatobá por ele mesmo dialoga fluentemente com as vozes supracitadas, quanto à materialidade do mundo. Em síntese, Jatobá por ele mesmo acentua que a relação “forma e conteúdo estão unidos no discurso, entendido como fenômeno social” (BAKHTIN, 2010, p. 71).

NOSSA PERSPECTIVA SOBRE ALGUMAS OBRAS DE JATOBÁ: MAIS UMA VOZ DENTRO DA FORTUNA CRÍTICA DO AUTOR

A obra jatobiana não é gratuita, mas responde a certo contexto histórico, recriando, sobremodo, a saga de homens e mulheres, advindos de locais muito inóspitos do país, estabelecendo-se na cidade de São Paulo, no afã de buscar trabalho e sobreviver. A promessa de trabalho e as condições subumanas os fazem migrar. Jatobá recria literariamente esse cenário, dando voz e narrativa a cada um. Transformam-se em personagens cujas vidas são a um tempo específicas e genéricas, pois tanto emergem como sujeitos particularizados quanto representam uma classe social, a dos menos favorecidos economicamente. Obviamente que a obra não é um documento social neutro, mas se institui a partir da visão de mundo do autor sobre o universo recriado. Neste sentido, reflete a realidade, ou seja, parte dela, interrogando-a, respondendo a ela, mas, simultaneamente, refrata-a, pois a transforma em matéria-prima de sua escrita e, nesse processo, formaliza-a mediante certo mirante ideológico. Na obra, encontra-se formalização não maniqueísta, pois as personagens operárias são ora bem intencionadas, ora agem por interesse, traíndo os companheiros. Há os corajosos, os sindicalistas, os alienados, os conformados, os vingativos, os amorosos, ou seja, a personagem operária é plasmada em toda a humanidade, com contradições referentes à ética e à moral. Na sequência, expõem-se alguns excertos de certas obras, a fim de ilustrar a condição operária retratada e recriada nas obras.

Em “Crônicas da vida Operária”, tem-se um conjunto de sete micronarrativas que podem ser lidas separadamente, mas a leitura de conjunto é importante, haja vista que propicia melhor perspectiva sobre o cenário operário. Nessas narrativas, adentra-se o universo proletário, desde a chegada na cidade de São Paulo, o estabelecimento em alojamentos, a economia diária para se manter e enviar ajuda aos familiares, o trabalho exaustivo, a condução públicas nos trens lotados, a canseira, a tão almejada carteira de trabalho assinada, os expurgos de trabalhadores sindicalizados. Mas, a obra de Jatobá, também, como enfatizado, traz a vida operária da festa, do encontro amoroso, da amizade, da solidariedade e da saudade de quem não veio e ficou no sertão, da compra da casa própria etc. Nesta obra, o conto “O pano vermelho” exemplifica a vida particularizada do operário, como também pode se generalizar para classe trabalhadora. A personagem principal, em cenário inóspito da fábrica e da vida sofrida, sente saudades da mãe. Compra-lhe um pano vermelho e o envia. O presente chega até ela. Faz um bonito vestido vermelho, mas o usa apenas uma vez. Serve-lhe de mortalha em seu passamento. Nessa narrativa de três páginas, 25 parágrafos, que iniciam por datas, desde 1952 até 1976, contam-se fatos pessoais da personagem (a vinda para São Paulo, o trabalho registrado na fábrica, o casamento, os filhos que nascem, os acontecimentos políticos, a morte do pai, a morte da mãe, a saída da fábrica, a abertura de um bar). Jatobá consegue sintetizar toda uma experiência existencial, bastante longa, em curto espaço. O tempo é longo, recheado de acontecimentos, mas a narrativa é curta. Essa opção pelo sintético é expediente formal recorrente em Jatobá. Ocorre, como assevera Candido (2004), uma redução estrutural da realidade. A palavra que nomeia o real o faz mediante certa refração do real, pois o escritor recria o dado extraliterário, conforme os próprios propósitos. A forma social é plasmada pela forma literária. Aqui, reconhece-se que o uso de linguagem de síntese atende a um propósito. O escritor condensa a vida operária. Esse discurso comprimido causa estranhamento. Cada parágrafo, dos 25, inicia com uma data. Alguns se formalizam em uma única frase. A narrativa parece um diário, um registro de fatos miúdos. A primeira pessoa narra os fatos. Por que narra de modo sucinto? Porque trabalha o dia todo, está exausto, tem pouco tempo disponível. No entanto, narra. O discurso é simples, vem do cotidiano da vida operária. Aqui, não se têm extensas elucubrações sobre a vida. A vida aqui é sintética como a linguagem

que a plasma, sendo bastante verossímil, uma vez que o protagonista é homem simples que não tem tempo para digressões compridas. Veja-se o exemplo da morte da mãe. “1964:- Chegou uma carta dizendo: “mãe tinha morrido e, antes, viva ainda, mandou fazer um vestido com o pano vermelho que lhe enviei de presente e pediu, como se adivinhasse a morte que logo lhe apontaria, que lhe vestisse como mortalha. Assim foi feito” (JATOBÁ, 1979, p. 34). O parágrafo é uma mininarrativa dentro da narrativa. A síntese com que narra a tragédia causa estranheza e, ao mesmo tempo, evidencia a vida inóspita, distanciada da mãe (a migração forçada das classes populares). O fato é contado de modo sucinto, mas é ele quem confere o título à narrativa, clarificando sua importância na vida da personagem. Parece que a memória desse fato é mais importante que as outras escritas nos 24 parágrafos que compõem o conto. É esse menos que vale mais, em termos de significado e memória afetiva.

Essa afetividade em um contexto de vida bruta de trabalho degradado nas fábricas e condições de existência precárias é também marca da obra jatobiana. O escritor formaliza a vida operária em totalidade, trazendo os conflitos, os acertos, os encontros e desencontros. O universo é trágico, mas há espaço aberto para relações amorosas. O universo do trabalho é árduo e alienado, mas ali, também, brotam amizades. Dali, constituem-se famílias e operários sindicalizados. Na obra “Alguém para amar a vida inteira”, narra-se, novamente, a saga da vida proletária em migração para cidade de São Paulo, *leit motif* na obra jatobiana. Todavia, aqui, o próprio título da obra contrasta com outras obras. São dele, “Sabor de Química” e “No chão da fábrica”. Percebe-se que pelos títulos, a vida laboral difícil e penosa dá o tom das narrativas. Em contraste, a obra “Alguém para amar a vida inteira”, Jatobá investe, de modo mais enfático, no universo afetivo e relacional. A obra conta a história de Jacinto e Emília Emiliano e de como essas personagens são também genéricas, visto que retratam homens e mulheres do cotidiano nacional. A relação dos dois ocorre de modo a fortalecê-los para enfrentar as agruras da vida.

A questão da afetividade do trabalhador e da constituição da rede familiar é também constante na obra do escritor. Esse operário não é somente um ser alienado e degradado pelo trabalho. Tem sonhos, família, amigos, ama, é solidário. Jacinto, a personagem principal e narrador, constitui-se em ser humano complexo e motivado para enfrentar o meio social, à medida que entra em dialogia discursiva e de vida com Emília Emiliano. O herói e a heroína, ambos trabalhadores, advindos de sítios pobres, encontram-se no universo da grande metrópole. Esse passado e presente comuns os une dialogicamente. Um se fortalece no outro para sobreviver ao trabalho precário. O próprio universo laboral estafante em que estão imersos, beneficia-se do universo amoroso, pois aquela passa a ser suportável em contato com este, à medida que a obra em tela destaca o ambiente laboral e o amoroso em dialogia constante. Nesse passo, percebe-se que o autor, como salientado, formaliza as personagens operárias em totalidade, não restringindo-se ao ambiente laboral, mas situa as personagens também em relação às relações afetivas que travam entre si.

O autor se empenha em mostrar que o espaço da fábrica, inclusive, é, sem dúvidas, lugar em que também germina e floresce sentimentos de amizade e amor, ambiente orgânico e vivo, em que a sociabilidade do sujeito acontece. Trabalho e amor se complementam. “Alguém para amar a vida inteira” também apresenta estrutura ágil. É composta por três partes, sistematizadas em 116 páginas, capítulos concisos, alguns curtíssimos, com intensa carga semântica, encimados por títulos curtos. Aqui, também a narrativa é sintética, marca formal mencionada. São personagens protagonistas que não elaboram extensas digressões existenciais. As condições de vida em que labutam diuturnamente, de modo intensificado, não permitem o cultivo de uma escrita alongada, de reflexões extensas. É quase um diário. Novamente, a linguagem sintética está organicamente atrelada à vida da personagem. No excerto a seguir, tem-se Jacinto narrando seu reencontro com a amada, de modo bem sucinto.

A personagem volta para buscar Emília Emiliano que espera um filho dele. Voltarão para São Paulo. A vida do trabalho árduo persistirá, mas suavizada pela fortaleza do encontro, da rede familiar. Na passagem a seguir, Jacinto reflete sobre a vida passada e reafirma o retorno para fábrica.

- Não vim para ficar. A vida tem sido difícil, mas isso tudo é resto, coisa passageira. Vim buscar Emília Emiliano e meu filho. - Sei. Vai voltar a ser operário nas prensas.
- Sim (JATOBÁ, 2015, p. 12).

Nessa narrativa, Jatobá mostra uma esperança para o cotidiano inóspito do trabalhador. Ambos, Emília e Jacinto, a partir da socialização advinda do encontro amoroso, poderão enfrentar as agruras do trabalho e da vida. Essa totalidade da vida operária, em que afloram a sociabilidade do trabalho e da família, é recorrente em Jatobá, aproximando o leitor de um mundo periférico pouco servido de tema literário a muitos ficcionistas brasileiros.

Na obra reeditada “Sabor de Química”, o autor traz outra obra em que se debruça sobre a condição operária em um cenário deveras insalubre, uma fábrica de produção de produtos químicos. O protagonista narra as vicissitudes em 23 capítulos. A vinda para São Paulo, amores e amizades, família, aquisições e derrocada, finalmente, da existência. Ao final, está sozinho, desamparado, sem rede alguma de proteção familiar. Sua saúde se degenera, adquirindo um câncer, em decorrência do trabalho insalubre na fábrica. A decadência do protagonista se deve ao trabalho que lhe consumiu a saúde. Além dessa queda física, ocorre outra, a material que se sucede, pois é demitido e aposentado por invalidez, com um salário que mal paga as poucas despesas em um pensionato. O fim trágico da personagem, apesar de estar atrelado a uma vida particularizada que é narrada em um longo período de tempo, durante 23 capítulos, também pode representar todas as vidas operárias submetidas às mesmas condições degradantes da fábrica. O protagonista tem voz própria, história singular, mas, ao mesmo tempo, sua existência é semelhante às demais vidas proletárias. Aqui, o cenário é mais inóspito.

Embora a personagem tenha adquirido certo valor na comunidade, ao longo da vida, quando perece, a solidariedade da vizinhança se esvai. O universo dentro e fora do trabalho se equiparam. Parece não haver saída alguma para o operário. Diferente dos livros anteriormente referidos, aqui o destino é mais trágico. O viver é um sofrer solitário. As amizades fenecem. A seguir, cita-se um excerto que finaliza a obra em que o protagonista se tornou alvo de desrespeito, recebendo tratamento cruel de seus pares:

Todos daqui me conhecem, repito. Só que, agora, quando passo, chegando, arrastando pelo asfalto esse chinelo roto e desfiado, mudam o rumo das vistas e fazem que não existo. (...). É, sim. Licença, digo. Não escutam. Deboçam. Disfarçam e se arredam sem pedir licença. Fazendo pouco caso. Não ligo mais não. Cuspo o meu câncer nos pés deles (JATOBÁ, 2016, p.182).

Não alongar-se-á mais em outras análises, uma vez o objetivo primordial do artigo foi o de apresentar as vozes acerca da obra jatobiana. A perspectiva é apenas mais uma voz dentre as várias encontradas. Esse conjunto discursivo de leitura e análise vai, a cada dia, demonstrando as múltiplas interpretações da obra. Tem sido lida e analisada, comprovando-se o valor literário e de testemunho histórico, ao responder ao contexto, sobretudo o cenário laboral, familiar e social das classes trabalhadoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como consequência do diálogo que se empreendeu com a fortuna crítica do escritor Roniwalter Jatobá, aqui na escrita deste artigo, finalizam-se as discussões, cientes de que cada voz, mesmo com enfoques analíticos diversos, por vezes, por mirantes diferentes, demonstrou confluência de ideias em torno dos seguintes pontos: o modo como Jatobá estrutura, no interior de sua obra, os processos composicionais do texto, a simbiose entre forma e conteúdo discursivo e o fino trato e domínio com a linguagem e eloquência discursiva. A utilização de maneira inovadora e surpreendente dos aspectos e recursos das formas narrativas tradicionais e modernas se fez presente na voz de Flávio Aguiar, Fábio Lucas e Celso Frederico. O valor estético da obra e os valores sociais, culturais, políticos e econômicos foram destacados de formas mais intensa, em algumas vozes; e de maneira sutil, por outras. A exemplo, a própria voz de Jatobá assinala declaradamente a essencialidade da relação orgânica entre o fenômeno literário e a realidade que a circunda. Para ele, nem os elementos do plano estético, nem os acontecimentos extraliterários se situam em polos distintos, mas se confluem na forma composicional. Para Enid Yatsuda Frederico, Fanini e Santos, Flávio Aguiar e Luiz Ruffato, os planos econômicos e sociais são recortados com mais ênfase, demonstrando intercâmbio visível entre suas vozes.

É notável, no conjunto das análises empreendidas, que embora Jatobá tenha pensamento sofisticado, com grande esforço de redação, a narrativa recebe tratamento sintático maximamente simples. Para isso, o autor evita a nomenclatura excessivamente técnica e o hermetismo. Sem diminuir o rigor e a qualidade literária do texto, Jatobá transforma a matéria-prima de sua obra em material bastante compreensível, o que certamente facilita a compreensão, motivando o leitor a se envolver com esse universo literário. Isso decorre porque, em Jatobá, qualquer público pode se deleitar e viajar em suas tramas literárias. No entanto, seu público de eleição é o próprio proletariado. Desta forma, Jatobá faz da narrativa ficcional um instrumento refinado e moderno de estudo das vozes do mundo do trabalho, com olhar abrangente, por assim dizer, essencial, que o situa no nível dos grandes ficcionistas brasileiros contemporâneos.

Ademais, mediante os diversos contextos de leitura, aqui emergidos, observa-se que os aspectos do plano formal foram tomados como lugar de entonações e avaliações críticas por contingente significativo de intelectuais. Os elementos constituintes do contexto externo, priorizado em escala menor, mas não menos importante, implicaram olhar coerente, atento e bastante relevante, logo, esses dois aspectos se completam. De tudo, a voz dos discursos críticos sinaliza para articulação entre vida e literatura na obra de Jatobá que alia o estético ao ético, no sentido de que Jatobá responde ao contexto, posicionando-se axiologicamente ao lado dos menos favorecidos pela sorte. Jatobá problematiza a realidade social, cultural e histórica que pesa sobre os marginalizados, respondendo a um contexto inóspito aos mais fracos. Assim, apoia-se na qualidade intelectual das vozes críticas apresentadas, vale pontuar que são avaliações que vão engendrando e assegurando ao conjunto da obra de Jatobá sentidos e indicações de leitura com referência no contexto da Literatura Brasileira Contemporânea.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio. Prefácio do livro *Paragens* de Roniwalter Jatobá. In: JATOBÁ, Roniwalter. *Paragens*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ARANTES, Noel. *Pássaro inquieto*. In: JATOBÁ, R. *No chão da fábrica: contos e novelas*. Nova Alexandria. São Paulo, 2016. p. 255-261.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução: Maria Ermanlina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

- _____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Tradução: Aurora Fornoni Bernardini et al. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- _____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *Discurso na vida e discurso na arte: sobre poética sociológica*. Tradução: Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza (para fins didáticos), 2004, p. 1-16. Título Original: *Discourse in Life and Discourse in Art – Concerning Sociological Poetics*. Publicado em V.N. Voloshinov, *Freudism*, New York: Academic Press, 1976.
- CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.
- FREDERICO, Enid Yatsuda. Trabalho e mais trabalho. In: JATOBÁ, Roniwalter. *No chão da fábrica: contos e novelas*. Nova Alexandria. São Paulo, 2016. p. 9-13.
- FREDERICO, Celso. Dignidade operária, mundo desumanizado. In: JATOBÁ, Roniwalter. *No chão da fábrica: contos e novelas*. Nova Alexandria. São Paulo, 2016. p. 193-197.
- JATOBÁ, Roniwalter. Entrevista. In: RICCIARDI, Giovanni. *Entrevistas com escritores de Minas Gerais*. Dulce Mindlin (Org.). Ouro Preto: UFOP, 2008, v. 3, 486 p.
- _____. *Alguém para amar a vida inteira*. Curitiba: Positivo, 2015.
- _____. *No chão da fábrica*. São Paulo: Nova Alexandria, 2016.
- _____. *Crônicas da vida operária*. São Paulo: Circulo do Livro, 1979.
- LUCAS, Fábio. A marca da mudança na ficção de Roniwalter Jatobá. In: JATOBÁ, Roniwalter. *No chão da fábrica: contos e novelas*. Nova Alexandria. São Paulo, 2016. p. 186-189.
- MORAIS, Fernando. Operários no prêmio das américas, em Cuba. In: JATOBÁ, Roniwalter. *No chão da fábrica: contos e novelas*. Nova Alexandria. São Paulo, 2016. p. 246-248.
- POMPEU, Renato. Obra de estreia de Jatobá. In: JATOBÁ, Roniwalter. *No chão da fábrica: contos e novelas*. Nova Alexandria. São Paulo, 2016. p. 183-185.
- RICCIARDI, Giovanni. *Entrevistas com escritores de Minas Gerais*. Dulce Mindlin (Org.). Ouro Preto: UFOP, 2008, v. 3, p. 486.
- RUFFATO Luiz. Roniwalter Jatobá e a literatura proletária. In: JATOBÁ, Roniwalter p. 193-197. *Contos ontológicos de Roniwalter Jatobá*. São Paulo: Nova Alexandria, 2009. p. 13-17.
- SANTOS, A. C. dos; FANINI, Ângela Maria Rubel. Trabalho artesanal e trabalho industrial como elementos de sociabilidade, subjetividade e tragédia em “a mão esquerda” de Roniwalter Jatobá. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 42, p. 197-208, 2013.
- VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. *A construção da enunciação e outros ensaios*. João Wanderley Geraldi (Org.). São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2013.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico nas ciências da linguagem*. Tradução: Sheila Grillo & Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 04-03-2020

Aceito em 02-05-2020